GT 37: Estética y filosofía del arte

O aspecto residual do mundo: o processo de estetização da Contemporaneidade

Filipe Silveira de Araújo

Doutorando em Filosofia – UNISINOS/CAPES (Brasil)

fsafilos@gmail.com

Resumo

Gianni Vattimo interpreta, com base nos novos paradigmas apresentados pela sociedade da comunicação – oriunda da sociedade técnica, na qual os *mass media* representam um papel de relevante importância – , as mudanças ocorridas na nossa comunicação e na nossa cultura contemporânea. Assim, pretende justificar a Contemporaneidade pelo advento dos *mass media* e sua ação de «desrealizar» o mundo, uma vez que já não é mais possível falar daquele mundo unitário idealizado pela Modernidade. Com efeito, Vattimo concebe que, ao informar o mundo em forma de sons e imagens, os *media* acabam antes por «estetizar» a experiência cotidiana dos indivíduos. Isso ocorre na medida em que os produtos da sociedade da comunicação são exatamente os «dialetos» daqueles que constituem o presente da experiência humana. Mesmo aqueles antes excluídos do processo histórico – as minorias sociais – agora ganham visibilidade e revelam toda a complexidade de seus sistemas culturais. Como consequência de tal feito, o risco de uma homologação cultural já não é mais possível, pois se apresenta na experiência social a multiplicidade. Daí Vattimo interpretar que, em oposição a uma ideia geral do «belo», o que temos agora são as mais variadas interpretações, as mais variadas posições do «belo», gerando assim uma pluralização de «belos». A sociedade da comunicação, enquanto multiplicidade das visões de mundo, propicia uma verdadeira experiência estética, enquanto pluralização das interpretações, das visões de mundo, na compreensão que este – o mundo dado de certa característica particular – é apenas um entre outros. Assim, já não se pode falar mais de uma

«realidade» ordenada, enquanto entendemos realidade como sendo uma relação de «contaminação» – encadeamento lógico dos acontecimentos. Com isso, a experiência contemporânea é antes uma experiência de desrealização-estetização.

Introdução

Herbert Marcuse, em sua obra *A dimensão estética*, de 1977, questionava a importância que a Estética assumia na sociedade contemporânea, carente de obras que fizessem de fato a revolução. Não obstante o papel secundário que a Estética assume no corpo do trabalho filosófico ao longo da tradição, o novo momento histórico no qual nos situamos abre a perspectiva de se pensar o estético bem além do seu lugar na história da Filosofia. Trata-se da possibilidade de se pensar a Estética no contexto do mundo contemporâneo. É possível refletir sobre a dimensão estética no mundo fragmentado da Pós-Modernidade? A Estética é algo ainda presente na atualidade? Qual a relação que a Estética assume com a vida dos indivíduos, em seus modos particulares de viverem a experiência cotidiana?

Viver a experiência do presente é, segundo Gianni Vattimo (1936), viver a experiência da estética. O estético assume no corpo de sua obra um lugar de destaque, enquanto permeia as relações da sociedade contemporânea, compreendida por este como pós-moderna. Para justificar a sua hipótese, Vattimo sustenta que certa mudança cultural e tecnológica determinou o fim da Modernidade e o surgimento de uma sociedade dita pós-moderna. Trata-se do advento dos *mass media*: compreendendo os meios de comunicação, as tecnologias de informação que, em suas formas tradicionais já presentes na Modernidade – jornais, revistas – e nas formas mais recentes, surgidas com o avanço da tecnologia, chamadas de telemática – rádio, televisão e, no final do século XX, a *internet* – modificaram os modelos de relação do homem com o mundo e possibilitaram um conhecimento dos acontecimentos em tempo real como nunca antes na história. Nesse sentido, a mudança do mundo conceitual em mundo de sons e imagens transforma e dissolve o «princípio de realidade» como desrealização-estetização.

Podemos compreender, com efeito, como os *media* terminam por estetizar a «realidade», uma vez que a dissolvem, comparada àquela idealizada pela Modernidade, já que não existe mais tal realidade em si, considerada igualmente pela ciência moderna. A estetização é o fenômeno que revela a pluralidade, a diversidade que o mundo apresenta em seu cotidiano, sem esquecer também o aparecimento de culturas até então desconhecidas do Ocidente tradicional, que conseguiram expressar suas maneiras de

pensar e ver o mundo. Pode-se ainda dizer: o fenômeno de estetização é a «multiplicidade de 'belos'», a diversidade de estilos, a explosão das diferentes visões de mundo de grupos que, ao tomarem a palavra, tornaram visíveis seus sistemas culturais.

A fluidez das informações, a explosão de diferentes visões de mundo e a ruptura com um modelo unitário da história representam, segundo Vattimo, um problema à concepção tradicional da metafísica, em sua interpretação da unidade e imutabilidade do ser. Busca-se, assim, com base na crítica proposta por Vattimo à metafísica em seu aspecto de violência – de Aristóteles a Hegel – , estabelecer as bases nas quais se pode interpretar o presente, no qual a «realidade» se desrealiza pela ação dos *media* – efeito causado justamente na sua experiência de comunicar os acontecimentos. Caída a ideia de uma «realidade» objetiva, a «verdade» já não é mais aquela do princípio metafísico, o da *adaequatio*; agora se apresenta como experiência estética – contraposição de visões de mundo e interpretações diversas e retórica na medida em que o discurso de tais posições se revela como aquilo que é próprio de seu «dialeto». Daí o efeito mais visível dos *media*: a estetização do mundo, uma vez que, por meio da exposição de seus estilos, modos de vida, dialetos – com suas «verdades» e interpretações do mundo – , os grupos sociais revelaram que o mundo não tem valores unitários, como «o belo». Há, de fato, uma fragmentação dos valores estéticos como marca do fim da teoria estética tradicional e a presença da experiência de morte da arte.

Fim da metafísica como crítica ao princípio de realidade

A metafísica clássica, em sua forma tradicional, chegou à Modernidade sem grandes modificações estruturais. O ser como tal sempre foi concebido de modo semelhante pelas diferentes concepções filosóficas. Imutabilidade, necessidade e permanência sempre foram suas características. Contudo, no final do século XIX, após as revoluções burguesas, guerras napoleônicas, emancipação das colônias europeias no Novo Mundo, etc., sustentar um caráter contínuo das coisas já não era tão fácil. A dissolução dos valores tradicionais se realizava de forma cada vez mais eficaz e veloz.

De tal modo, Vattimo concebe que, «na acepção nietzschiana-heideggeriana», a percepção da dissolução dos valores supremos, sustentados pela metafísica clássica, conduzem a uma nova interpretação do ser na sua eventualidade do cotidiano. Para ele, o niilismo, como marca da posição teorética de Nietzsche e Heidegger, «consuma» o fim da metafísica, uma vez que «o niilismo concerne antes de mais nada ao próprio ser,

ainda que isso não deva ser acentuado, como se significasse que, portanto, ele concerne muito mais ao homem, e nem um pouco 'simplesmente'»[1].

Se as instâncias imutáveis da Modernidade já não são mais possíveis no tocante a uma imutabilidade do ser, a experiência pós-moderna nos indicou que, de fato, a idéia de uma «realidade» se apresenta tão falível quanto possível. Isso porque a «oscilação», a «pluralização» ocasionada pelos *mass media* conduz à fabulação do «mundo real». Daí Vattimo recorrer sempre à «profecia» nietzschiana de que, no mundo dos *mass media,* «o mundo real torna-se, afinal, uma fábula».

> O 'mundo-verdade' – inacessível? Em todos os casos ainda não alcançado. Portanto, *desconhecido*. É porque não consola, nem salva mais, não obriga mais a nada: como uma coisa desconhecida pode nos obrigar a alguma coisa?[2]

Se para Nietzsche o mundo verdade ainda nos era desconhecido, Vattimo sustenta que a sociedade da comunicação não possibilitou em momento algum essa verdade. Antes, o que os *media* nos propiciaram foi uma «aventura da diferença»: a erosão do princípio de realidade baseado em uma oscilação pela descoberta das diferenças entre culturas e dialetos, a oscilação entre os fatos de ontem e de hoje, entre as diferentes «visões de mundo» que contemplam os «acontecimentos» do cotidiano, a pluralidade sociocultural que nos libertou dos ideais modernos europeus, enquanto nos evidenciaram modos diversos de viver. Com efeito, a libertação proporcionada pelos *mass media*, no âmbito de suas possibilidades, nos revelou quão arbitrário era o ideal de realidade no qual nos baseamos, sendo este ordenado por um fundamento «metafísico»:

> Nietzsche nos mostrou, de fato, que a imagem de uma realidade racionalmente ordenada na base de um fundamento (a imagem do mundo que a metafísica sempre concebeu) não passa de um mito 'reconfortante', própria de uma humanidade ainda primitiva e bárbara: a metafísica é um modo ainda violento de reagir a uma situação de perigo e de violência; procura, de fato, apropriar-se da realidade num 'golpe de mão', recolhendo (ou julgando recolher) o princípio primordial de que tudo depende (e, assim, assegurando ilusoriamente o controle dos acontecimentos). Heidegger, seguindo a linha de Nietzsche, mostrou que pensar o ser como fundamento, e a realidade como sistema racional de causas e efeitos, é apenas um modo de estender a todo o ser o modelo da objetividade 'científica', da mentalidade que, para poder dominar e organizar rigorosamente todas as coisas, as deve reduzir ao nível de meras

1 Vattimo, Gianni. *O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* [1985]. Trad. bras. Eduardo Brandão – 2ª ed. –. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 4.

2 Nietzsche, F. *Crepúsculo dos Ídolos* [1888]. Trad. bras. Carlos Antonio Braga. São Paulo: Escala. 2005. p. 36.

> presenças mesuráveis, manipuláveis, substituíveis – reduzindo a este nível, afinal, o próprio homem, a sua interioridade, a sua historicidade[3].

A ausência de uma relação racional entre os fatos, efeito da sociedade dos *mass media* – que nos transmitem tudo sem ter necessariamente um elo, um vinculo entre as informações, basta haver um «interesse mercadológico» – pode certamente não nos transmitir um mundo compreensível em sua cadeia de acontecimentos. Contudo, «se com a multiplicação das imagens do mundo perdemos o 'sentido de realidade', como se diz, talvez não seja, afinal, grande perda»[4].

O objetivo dos *media* é nos transmitir o «mundo dos acontecimentos», dos fatos. O conceito de realidade, à luz da concepção vattimiana, nunca pareceu de fato verídica. A leitura tradicional de uma realidade objetiva está mais dependente de uma ideia de mundo ordenado, harmônico, sendo exatamente o oposto deste constituído pela sociedade da informação, que é «uma sociedade mais complexa, ou mesmo caótica»[5].

Já não é possível, com base na sociedade da comunicação, percorrer o caminho da verdade. A experiência da verdade na sociedade tardo-moderna, marcada pela técnica, é antes a experiência das imagens e dos sons transmitidos pelos *media*. Trata-se de uma experiência estética.

A verdade como experiência estética e retórica

A crítica pós-moderna à metafísica da tradição implica também outra orientação quanto à concepção de verdade. A experiência pós-moderna já não concebe uma «verdade ontológica» dos fatos, uma vez que a nova concepção de ser, em sua «eventualidade», já não se dá no todo. É, antes, uma experiência estética, uma «interpretação dos fatos».

Por experiência estética podemos compreender aquela teorizada por Hans Robert Jauss (1921-1997) que, enquanto vinculada à hermenêutica literária, pode também explicar o fenômeno da experiência estética na vida cotidiana dos indivíduos. Jauss compreende que a «atividade comunicativa», exercida pelos *mass media*, primeiramente, termina por ampliar a experiência da arte. Jauss pretendia, com efeito, demonstrar que a experiência estética era antes uma compreensão do receptor que propriamente a «intenção» do autor.

---

3 Vattimo, Gianni. *A Sociedade Transparente* [1989]. Trad. port. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1991, pp. 15-16.

4 *Ibidem*, p. 16.

5 *Ibidem*, p. 12.

Para Vattimo, na teoria de Jauss «é decisiva uma consciência hermenêutica mais aguda para fundar uma crítica literária mais abrangente»[6]. Contudo, o que Vattimo tenciona é trazer ao momento pós-moderno a experiência estética como experiência da verdade, uma vez que a dissolução da realidade ocasionada pelos *mass media* reconfigurou as noções clássicas de verdade centradas em um *onthos* uno e imutável. Na experiência pós-moderna do mundo cotidiano, o efeito dos *media* é o da pluralização das verdades, com base nos relatos dos diversos grupos sociais – suas consequentes diferenças de visões de mundo.

Para tanto, Vattimo considera a nova compreensão que a retórica assume na sociedade midiatizada. Como «arte do discurso», passa a ser a «arma ideológica» assumida para se fazer pôr em verdade o cotidiano social dos diferentes grupos. A leitura niilista de Vattimo – como dissolução dos valores supremos e consequentemente representando uma ruptura aos modelos clássicos da interpretação baseada em uma verdade transcendente – traz a interpretação da hermenêutica da experiência estética no relato da vida cotidiana. Retomando a noção de «consciência estética» de H. G. Gadamer (1990-2002), Vattimo afirma a necessidade de seu resgate, readequando-a à nova situação, agora como «experiência da verdade, precisamente enquanto experiência substancialmente niilista»[7].

As questões da retórica no presente pós-moderno, entretanto, não dizem respeito apenas ao discurso da arte. É antes uma atenção ao indivíduo, ao seu discurso. A «tomada de palavra» possibilitou que aqueles que sempre tiveram algo a dizer, mas nem sempre obtiveram espaço para tal, pudessem ao menos ver a possibilidade de se revelar. Claro que os *media* não dão espaço a todos aqueles que o objetivam. Pelo contrário, o espaço dos *media* ainda é para poucos, como bem lembra Michel Maffesoli. Contudo, a própria lógica do «mercado da informação» necessita que ao menos os representantes de determinado grupo evidenciem seus modos de vida, como mostra de quão democráticos são os meios de comunicação.

A experiência da verdade na Pós-Modernidade não é mais, portanto, a de uma verdade única, que busca o caráter real das coisas, dos fatos. É agora, como nunca antes, uma visão, uma interpretação dos fatos, muitas vezes enunciada em suas diferentes versões. A «arte da persuasão mediante os discursos»[8] parece agora mais sedutora do

---

6 Vattimo, Gianni. *O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. p. 110.

7 *Ibidem*, p. 111.

8 *Ibidem*, p. 135.

que nunca, pois, se sempre esteve ao alcance de todos, agora é dada a chance de se fazer ouvir por um número cada vez maior de indivíduos e grupos.

O processo de estetização dos *mass media*

Em sua nova situação, a Estética já não se ocupa mais unicamente de abstrações artísticas postas «em obra» por gênios. A experiência da Estética na Pós-Modernidade é determinada pelos *mass media* que, se não representam sozinhos a morte da arte, contribuem fundamentalmente para tal. Vattimo afirma ainda que

> À morte da arte por obra dos *mass media*, os artistas responderam com frequência com um comportamento que também se coloca sob a categoria da morte, na medida em que aparece como uma espécie de suicídio de protesto. Contra o *kitsch* e a cultura de massa manipulada, contra a estetização em nível baixo, fraco, da existência, a arte autêntica refugiou-se com frequência em posições programaticamente aporéticas, renegando todo e qualquer elemento de fruibilidade imediata das obras, rejeitando a comunicação, optando pelo silêncio puro e simples[9].

Vattimo concebe então que, a partir da massificação cultural da sociedade midiatizada, não obstante todo o processo de uma tentativa de homologação cultural, o efeito dos *mass media* foi exatamente o oposto. Ora, a pluralização das compreensões e visões de mundo representou de fato um obstáculo à homologação, e o resultado positivo da sociedade da informação é a multiplicidade das facetas dos mais diversos grupos e comunidades.

> A cultura de massas não nivelou a experiência estética, homologando todo o 'belo' aos valores daquela comunidade – a sociedade burguesa europeia – que se sentia detentora privilegiada do humano; pelo contrário, evidenciou de modo explosivo a multiplicidade dos 'belos', dando a palavra a culturas diversas – com a investigação antropológica – mas também a 'subsistemas' internos da própria cultura ocidental. De fato, o fim da utopia do resgate estético da existência através da unificação do belo com o cotidiano ocorreu paralelamente, e pelos mesmos motivos, no final da utopia revolucionária dos anos sessenta: devido a explosão do sistema, à impossibilidade de pensar a história como curso unitário[10].

A utopia sessentista da construção de uma «real» história universal acabou por se tornar impossível, não unicamente por conta do fim do projeto moderno, mas porque já

9 *Ibidem*, p. 45.

10 Vattimo, Gianni. *A Sociedade Transparente*, p. 79.

não se pode mais pensar em uma história universal como tal, uma vez que já não se mostra mais unitária e, por conseguinte, o modelo de emancipação daquele projeto moderno não é factível. Podemos também inferir que a ideia de uma história universal se dissolve, nas palavras de Vattimo, por conta da «universalização» da palavra dada aos «diversos modelos de valor e reconhecimento». Tal universalização possibilitou uma relação mais estreita entre arte e vida cotidiana, na medida em que a experiência estética é pluralizada por meio da revelação da palavra.

O processo de estetização (*estetizzazione*) da realidade ocasionado pelos *mass media* abre espaço para que os «excluídos, sem palavra, destituídos» possam dar a *sua* versão da história. A história humana já não é mais palco apenas dos vencedores. Aqueles que foram marginalizados ao longo do processo histórico puderam aparecer na ribalta da opinião pública de modo a ampliar as possibilidades de «verdade» dos fatos.

A experiência estética é antes de mais uma experiência de comunidade. O «belo» é sempre um «belo» da comunidade, é como «instituição de comunidade». Contudo, essa instituição dissolve ainda a identificação «da comunidade estética com a comunidade humana *tout court*»[11]. É claro que o mundo se define então como um conjunto de comunidades com concepções do «belo» distintas. Há de se compreender antes que «comunidade» não nos dá o mesmo sentido de «sociedade». Para Vattimo, «comunidade» tem antes um sentido de *pertencimento*, uma raiz – seja cultural, ideológica – que dá aos indivíduos uma ideia restrita de grupo. Segundo ele:

> o que denominamos o mundo talvez seja apenas o âmbito 'residual' e o horizonte regulativo (mas com que problemas) em que os mundos se articulam. É verossímil que a experiência estética da sociedade de massa, a vertiginosa proliferação de 'belezas' que fazem mundos, seja profundamente modificada pelo fato de o mundo unitário, de que a ciência julgava poder falar, se ter revelado uma multiplicidade de mundos diversos. Já não é possível falar da experiência estética como pura expressividade, pura coloração emotiva multíplice do mundo, como acontecia quando se pensava que este mundo-base fosse, de qualquer modo, dado, possível de encontrar com os métodos da ciência. Isto deixa seguramente aberto o problema da redefinição da estética e talvez torne impossível 'defini-la' delimitando-a e diferenciando-a: também aqui, parece que nos encontramos face a uma realização imprevista, e talvez 'distorcida' da utopia[12].

11 *Ibidem*, p. 80.
12 *Ibidem*, pp. 80-81.

Ora, se a estetização é própria do «mundo da cultura de massa, do historicismo difuso e do fim dos sistemas unitários»[13], a utopia estética acaba por se caracterizar como *heterotopia*, uma vez que a «distorção» de seu projeto sessentista não se configurava de tal modo; baseava-se antes em uma homogeneização cultural, que, baseada em uma orientação marxista (basta lembrar o discurso dos «filhos» de 1968, que permanecem até hoje sempre evocando a figura de Marx), pretendia antes um sentido de «harmonia geral». A experiência pós-moderna do belo como um «conjunto» de modelos é a heterogeneidade das comunidades e seus conceitos. Os dialetos que contêm cada um sua ideia da verdade transformam o mundo na multiplicidade que pode enfim libertar o homem. Não aquela liberdade moderna. Ainda há muito a ser conquistado, e as barreiras são muitas vezes intransponíveis. Na contemporaneidade, podemos contemplar a diferença em seu aspecto mais harmônico, com a interação dos conjuntos de grupos sociais, possibilitando voz àqueles que têm algo a dizer em defesa própria.

Referências Bibliográficas

13 *Ibidem*, p. 81.

Vattimo, G. *A Sociedade Transparente* [1989]. Trad. port. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. *As Aventuras da Diferença* [1980]. Trad. port. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* [1985]. Trad. bras. Eduardo Brandão – 2ª ed. –. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Marcuse, Herbert. *A dimensão estética* [1977]. Trad. bras. Maria Elisabete Costa. São Paulo : Martins Fontes, 1986.

Nietzsche, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos* [1888]. Trad. bras. Carlos Antonio Braga. São Paulo: Escala. 2005

_____. *Escritos Sobre História* [1862 – 1889]. Trad. bras. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2005.